



## PROPAGANDAS DE RUA, CARTAZES E AVISOS ENSINAM?

**Valdelice dos Anjos<sup>1</sup>; Juliano Tamanini<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Iniciou-se a presente pesquisa a partir da verificação de número elevado de inadequações no uso da norma padrão na escrita de propagandas de rua, cartazes e avisos. Isso corrobora para que se fixem erros de linguagem em quem lê as “mensagens” – principalmente por dois motivos: as mensagens ficam expostas por longo período e grande parte dos que as lêem têm uma formação rudimentar em língua portuguesa. Visa-se, então, destacar a importância do uso da linguagem que obedece à norma culta, mostrando como inadequações no uso da língua levam a fixar formas inadequadas. Os registros falhos da língua ajudam a deseducar – sendo que, ao invés, deveriam contribuir para a boa formação do cidadão, principalmente quanto ao domínio da língua e a seu uso correto. Para chegar a essa análise, foram coletadas diversas amostras de erros que envolvem as questões da gramática normativa/lingüística. Pode-se afirmar, com base nos dados, que muitas são as dificuldades diante do uso da língua padrão por parte de quem a desconhece ou pouco sabe sobre suas particularidades. O afrouxamento das normas gramaticais rígidas favorece o aumento de dialetos e menosprezo ao que se é valorizado nas camadas mais desenvolvidas, mantendo, dessa forma, o aluno e grande parte da sociedade em condições sócio-culturais que lhes dificultam alcançar o caminho para novas e melhores conquistas.

**Palavras-chave:** Norma culta; registros falhos; cidadania.

### INTRODUÇÃO

Embora haja críticas e certo despreço quanto ao ensino de gramática normativa, essas reações não ocorrem apenas atualmente; é caso antigo. A escola se encontra em crise, e muitos julgam ser culpa dos governantes ou do despreparo dos educadores. Daqueles, por não se empenharem mais com a educação e que, por isso, falta material didático e o espaço físico das escolas não é favorável para atender às reais necessidades dos educandos, o que, dessa forma, os exclui; destes, por muitas vezes não procurarem aperfeiçoar sua prática pedagógica de maneira a atender as necessidades de seus alunos e, com isso, os mesmos não se interessam pela escola/conteúdo, por estar distante de sua realidade. As razões da crise escolar começam pela ordem institucional, na própria sociedade, que seguiu as pegadas de uma tendência mundial de pós-guerra, privilegiando o coloquial, o espontâneo e o expressivo e passa pela universidade, em que as teorias lingüísticas ainda não consolidaram um corpo doutrinário que permite uma descrição funcional-integral do saber idiomático e do saber “expressivo”. Chegou a crise à escola, onde não se faz distinção entre os tipos de gramática: geral, descritiva e normativa; e quando chega a fazer, foca as duas primeiras, menosprezando a última, (paráfrase-síntese de Bechara - p. 5-7).

Embora a gramática normativa tenha seu lugar à parte na sociedade, o seu ensino resulta da possibilidade de que dispõe o usuário de optar pela forma de expressão que lhe convier - de acordo com a língua que lhe é ensinada. Coube às normas e regras da escrita, permitir o registro e a transposição da língua nacional ao que é hoje e, associada ao poder social e à cultura escrita, desencadeou, ao longo da história, um processo fortemente unificador quanto às atividades verbais escritas. E também ao longo da história, muitas pessoas, inclusive professores, agiram e agem preconceituosamente

<sup>1</sup> Graduada em Letras-Ingês pelo Centro Universitário de Maringá – Cesumar. Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC). [vaaldeeliicee@yahoo.com.br](mailto:vaaldeeliicee@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Orientador e docente do Curso de Letras do Centro Universitário de Maringá – Cesumar. [jutamanini@pop.com.br](mailto:jutamanini@pop.com.br)

quanto a ensinar as regras gramaticais na escola, sendo um equívoco, na visão de Possenti (2004), pois “os menos favorecidos socialmente só têm a ganhar com o domínio de outra forma de falar e de escrever. Desde que se aceite que a mesma língua possa servir a mais de uma ideologia, a mais de uma função, o que me parece hoje evidente” (p.18).

Para que se aprendam e internalizem as regras da gramática normativa, é necessário um trabalho que tem de ser lento, contínuo e capaz de conscientizar as pessoas das reais necessidades do ensino da língua. Todas as camadas populares têm direito de apropriar-se do dialeto de prestígio, cabendo à escola objetivar e levar os alunos de classes sociais menos favorecidas a também se apropriarem desse dialeto e a dominá-lo, não para se adaptarem às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental na participação política e na luta contra as desigualdades sociais. Acentua Marcos Bagno em “Preconceito lingüístico: o que é, como se faz”: “Se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte de preconceito. Temos de levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, a culta inclusive” (p.51).

A língua sempre foi um palco de relações de poder. Desde o colonialismo, quando um povo chegava para dominar outro. Eles impunham primeiro a língua. A linguagem é a grande cerca que separa as pessoas do poder, então, é coerente afirmar que a diferença entre um sucesso e um vexame pode ser determinada por uma simples frase mal utilizada. Expõe Carlos Franchi em “Mas o que é “Gramática”?”, ao definir o que é gramática

Gramática é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores. Dizer que alguém “sabe gramática” significa dizer que esse alguém “conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente” (FRANCHI, 2006 – p.16).

Portanto, não há como ignorar quando os sábios se reúnem para determinar o que é certo e errado no uso do português. Aqueles que conhecem e dominam a língua se expressam com mais clareza, têm segurança ao se comunicar e expor suas idéias, além de terem maiores chances de realizarem seus objetivos quanto cidadão do que aqueles que têm conhecimento da área em que atuam, mas não dominam a língua. Em resumo, dominar a norma culta de um idioma é plataforma mínima de sucesso para todos os cidadãos, pois quem fala e escreve certo, com lógica e riqueza vocabular, têm mais chance de chegar ao topo do que aqueles tão qualificados quanto estes, porém sem o mesmo domínio da palavra.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Inicialmente foram efetuadas leituras e interpretações de bibliografias sobre a gramática normativa. A seguir foi feita seleção das fontes de informações caracterizadas por 78 amostras de registros retiradas de propagandas de rua, cartazes e avisos públicos e que apresentem escrita inadequada, envolvendo questões da gramática normativa/lingüística e que fogem à escrita culta. Foi efetuada a catalogação das inadequações lingüísticas, agrupando-as conforme o tipo de erro: pontuação; acentuação; maiúscula; grafia; crase; questões morfológicas; abreviatura; hífen; concordância;

palavras mal expressas; aspas e redundância vocabular. Os dados foram organizados em categorias/regras da gramática, para análise e discussão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho apresenta uma análise resumida de falhas quanto ao uso inadequado da língua portuguesa em relação à norma culta, ocorrendo sob auxílio de um orientador. O texto-artigo é de caráter analítico/descritivo, como se observa no decorrer do mesmo.

Adotou-se, num primeiro momento, como método de pesquisa o estudo de embasamento teórico e registros de situações com escrita inadequada, realizando posteriormente catalogação das inadequações lingüísticas. Num segundo momento, fez-se agrupamento conforme o tipo de erro e análise do material coletado, elaborando, num terceiro momento, gráficos/figuras dos dados pesquisados, conforme figura 1.

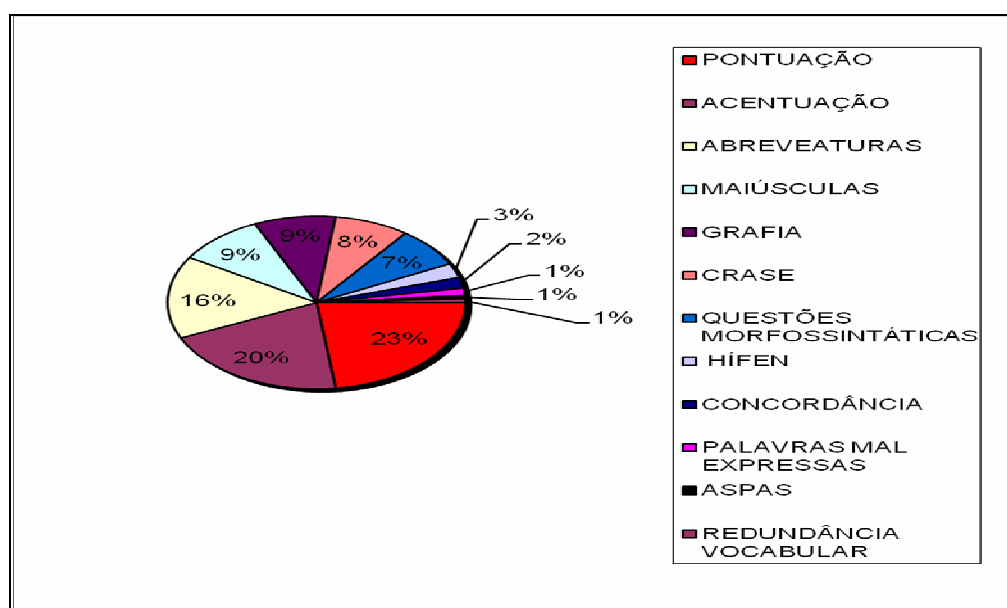


FIGURA 1 – Porcentagem das falhas encontradas

O que se percebe, também, é que escola e sociedade estão com seus conhecimentos restritos no quesito domínio da língua padrão, sem uma definição do que é ou não adequado registrar graficamente. Fica, portanto, o aluno desorientado de qual caminho seguir na esfera da gramática/lingüística. Isso faz com que se espalhem cada vez mais formas inadequadas. Por outro lado, se o aluno/cidadão vir as formas de acordo com a norma culta, ele internalizará essas formas.

O relaxamento das normas gramaticais rígidas favorece o aumento de dialetos e menosprezo ao que é valorizado nas camadas mais desenvolvidas, mantendo, dessa forma, o aluno e grande parte da sociedade em condições sócio-culturais que lhes dificultam alcançar o caminho para novas e melhores conquistas.

Nesta pesquisa, notou-se maior desconhecimento quanto à pontuação, com 34 casos (22% das amostras). O menor índice de registro falho refere-se ao uso das aspas, com 1 caso, totalizando 1% das amostras. A representação dos totais de “erros”, em números, verifica-se na figura 2.

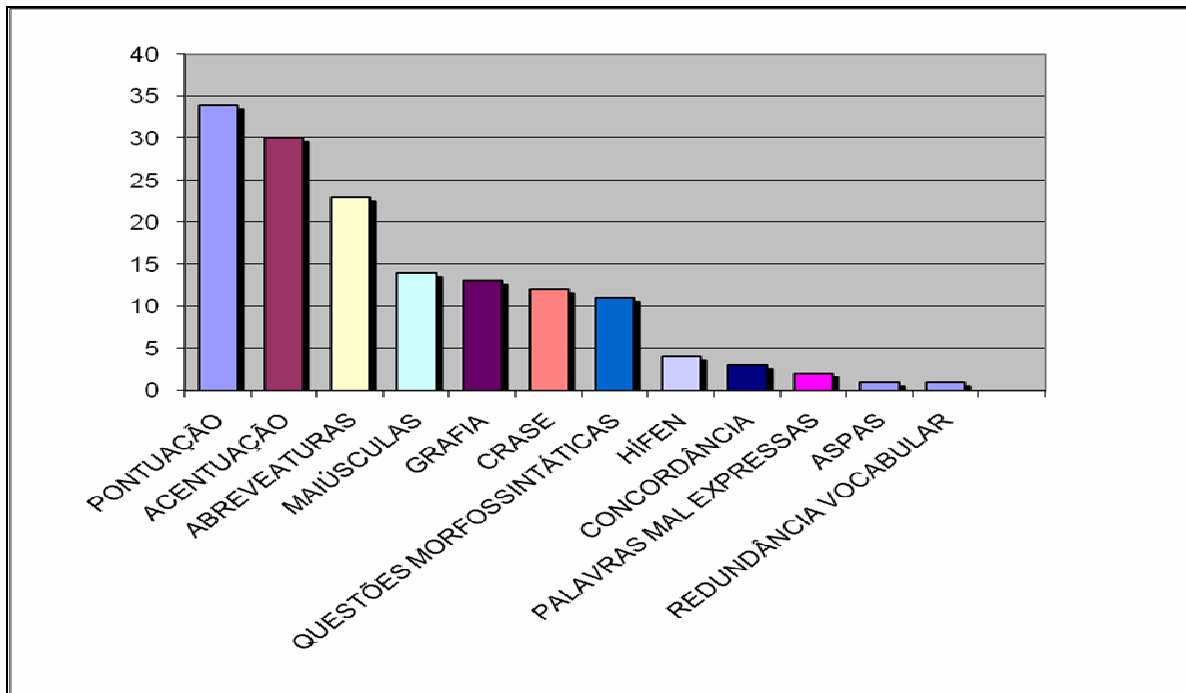


FIGURA 2 - Totalização das falhas na escrita

## CONCLUSÃO

Torna-se pertinente, então, a reformulação do conceito do que seria ensinar Português, a valorização dos conhecimentos prévios - cultura, linguagem, experiências diversas do aluno, sendo fator fundamental para o pleno desenvolvimento do ensino da língua. Decorre, daí, a importância da abordagem, em sala de aula, dos diferentes tipos de gêneros discursivos existentes na sociedade, trazendo para o estudo da língua a realidade do uso. Destaca-se que o domínio da norma culta possibilita mais e melhor participação social, acesso à informação e segurança ao se expressar.

Entende-se a escola como um lugar de socialização do saber. Ela será democrática à medida que for suficientemente capaz de promover a transformação, estimulando a participação de todos e garantindo a real articulação entre escola e sociedade em benefício do aluno-cidadão.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** – São Paulo: Ática, 2003.

CIPRO NETO, Pasquale. **O dia-a-dia da nossa língua**: O Professor Pasquale analisa a língua portuguesa e você aprende em exercícios com respostas- São Paulo:Publifolha, 2002.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “gramática”?**[com] Esmeralda Vailati Negrão e Ana Lúcia Muller. São Paulo: Parábola, 2006.

Porto Alegre: Prodil, 1992.

LUFT, Celso Pedro. **Novo guia ortográfico** – 9.ed. Porto Alegre: Globo, 1980.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender** – 4ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

SACCONI, Luiz Antonio. **Não confunda** – 2ª ed. São Paulo: Atual, 2000.